Leitura comentada do texto "O método de Projecto" de W. Kilpatrick (2007/1918)[1]

Contexto

Este texto surge no início do séc. XX, mais precisamente em 1918, alguns anos após os dois textos fundadores de John Dewey, que deram origem à Educação Progressista (uma nova maneira de olhar a actividade escolar e o currículo e a sua relação com a sociedade)[2]. Esta corrente surgida nos EUA teve o seu correspondente na Europa, com o Movimento da Escola Nova, onde o lema principal era que o currículo deveria ser "como a vida em si e não como uma mera preparação para a vida".

Ainda hoje encontramos esta tensão entre a perspectiva progressista (expressão que se deve a Dewey) e a abordagem mais tradicional, baseada nos conteúdos disciplinares e nas disciplinas formais, como a matemática, o latim e a história, só para citar alguns exemplos.

No entanto, a separação entre estas duas perspectivas não se limita a diferentes maneiras de conceber os conteúdos mas reflecte-se também no modo de percepcionar o papel do aluno e do professor, o papel da escola e da aprendizagem escolar…

---

[1] Kilpatrick, W. (2007/1918). *O método do projecto*. Viseu: Edições Pedago, Lda.
[2] Dewey, J. (2002). *A Escola e a Sociedade. A Criança e o Curriculo.* Lisboa. Relógio d`Água Editores.

Para a abordagem tradicionalista o papel mais importante da escola era e continua a ser o ensino e mestria dos instrumentos de acesso ao conhecimento (como o domínio da leitura e da escrita, do cálculo matemático e da lógica das operações) e dos conteúdos disciplinares. Havia e há uma hierarquia nas disciplinas[3], sendo umas mais nobres do que outras. Por exemplo, a matemática e o latim, bem como a leitura e interpretação dos clássicos, eram essenciais na aprendizagem escolar. A escola era e deveria ser a vida e não só uma preparação para a vida mas, como refere de modo elegante e irónico Bruner, "…uma forma especial de vida, cuidadosamente delineada para fazer o melhor desses anos plásticos que caracterizam o desenvolvimento do *homo sapiens* e que distinguem a nossa espécie de todas as outras… A escola é primeiramente uma comunidade especial onde cada um experiencia a descoberta do uso da inteligência e é lançado para novos e inimaginados domínios da experiência, experiência descontínua em relação ao que aconteceu antes. Uma criança reconhece isto quando pela primeira vez compreende o que é um poema, ou a beleza e simplicidade inerente na ideia de conservação dos teoremas, ou que a medida é universalmente aplicável. Se existe uma continuidade a ser individualizada, é a lenta conversão do sentido artístico

[3] Grossman, P. & Stodolsky, S. (1999). Content as context : The role of school subjects in secondary school teaching. In R. McCormick & C. Paechter (Ed.), *Learning and knowledge* (pp. 234-48). London : Paul Chapman Publishing and The Open University

da criança na omnipotência do pensamento na confiança realista no uso do pensamento que caracteriza o adulto….” (Bruner, 1979, p. 188).[4]

Para o movimento da Escola Progressista e mais particularmente para o autor do método de projecto, texto de que nos ocupamos nesta leitura comentada, o currículo deve centrar-se na vida, na experiência e na criança e não tanto na matéria ou conteúdo a ser ensinado. Esta abordagem curricular surge no período áureo da revolução industrial como uma resposta à dificuldade dos sistemas educativos e das escolas responderam às novas necessidades decorrentes da progressiva tecnologização da sociedade e da democratização do ensino.

O que é o método de projecto?

Para Kilpatrick a essência do projecto como método educativo é o “acto verdadeiramente intencional” (2007, p. 12) ou, dito de outro modo e ainda nas palavras do autor, “na concepção de actividade premeditada num ambiente social” (idem) que, no caso que nos ocupa, será a escola. Para não deturpar o pensamento do autor do texto o termo “projecto” significa “esse acto intencional, com ênfase na intenção” (p.13).

[4] Bruner, J. (1979). *On knowing: Essays for the left hand* (expanded edition). Mass.: Harvard University Press.

Podemos pois inferir que o que distingue um projecto de uma actividade idêntica ou mesmo igual (por exemplo, fazer um desenho) é que no projecto o desenho nasce de uma atitude ou "pendor" (como o designa o autor o conceito de atitude) intencional, i.e., de um processo interno e direccionado a um objectivo. O desenho como actividade automática (embora da iniciativa da criança) ou como actividade imposta, não nasce desse desejo interno e o seu objectivo não gera novos objectivos e não associa outras dimensões que predisporão a criança a ter vontade de continuar. Por isso, podemos dizer que uma das características que distingue o conceito de projecto do de mera actividade (isolada, automática ou imposta) é o seu carácter intencional e gerador, pois o projecto pode ser pensado como *projectus*, algo "lançado para a frente".

Outra ideia associada ao conceito de projecto é que este exige, para ser concretizado, uma *planificação* cuidada pois, não sendo uma actividade imposta ou automática, mas sim uma actividade que nasce de uma intenção, onde colocamos "toda a nossa alma" na sua concretização, necessita de um plano para ser alcançada.

Kilpatrick (2007) vai mesmo dizer que toda a vida meritória consiste na actividade intencional e não numa mera deriva, embora nem todas as intenções sejam boas. Mas não existe vida digna desse nome se o homem se confinasse apenas ao que o destino ou outra sorte lhe der. O homem

deve ser senhor do seu destino, deve moldar a sua vida, determinando "objectivos claros e a prazo e que planeia e executa com grande cuidado as intenções assim formadas" (idem, p. 15). Esta asserção é reforçada pela necessidade da vida em democracia, pois são os escravos que aceitam de forma servil os objectivos dos outros e não os homens que se querem livres nas sociedades democráticas.

Esta ideia, nascida num contexto social mais amplo, é depois transposta para a vida escolar. Daí que seja importante que a actividade de planificação não seja só pertença do professor mas também dos alunos. "A criança deve ter oportunidade de planificar" (idem, p.16), i.e., de dar forma às suas ideias, às suas intenções, organizando-as em projectos e responsabilizando-a dos seus actos, dentro de certos limites, como é óbvio.

O acto intencional deve ser, segundo Kilpatrick, a unidade de instrução, pois permite de uma forma explícita utilizar as regras de aprendizagem. E que regras são estas?

Curiosamente são as regras estudadas pela psicologia da aprendizagem do início do século XX, as Regras da Prontidão, criadas pela associação entre estímulos e respostas e mais particularmente a lei do Efeito, que fundamenta a unidade básica da instrução da pedagogia de projecto. Esta lei pode ser enunciada do seguinte modo: quando uma associação modificável age, é fortalecida ou enfraquecida de acordo com a satisfação ou incómodo

resultantes. É o efeito agradável ou desagradável que vai fortalecer ou enfraquecer a força de uma resposta ou comportamento. Outra dessas Regras ou Leis é a do Exercício que fortalece a associação entre estímulos e respostas.

Existem outras regras necessárias à explicação da aprendizagem ou do modo como aprendemos. Kilpatrick vai enunciar mais uma que é a do "pendor" ou atitude, quer dizer, uma predisposição para agir. Quando as acções desencadeadas por esta predisposição alcançam o objectivo e dão satisfação reforça-se a associação, gerando predisposições mais sólidas.

Como é que um acto intencional ou projecto utiliza estas regras de aprendizagem?

Do seguinte modo: Alguém, por exemplo, um aluno está decidido a fazer qualquer coisa, por exemplo, um carro de rolamentos que ande ou uma composição sobre um dado tema. A intenção é clara e a vontade de realizar o projecto também. Na concretização vai, concerteza, encontrar dificuldades e obstáculos mas a intenção e o pendor inicial vão fazer com que eles vão sendo superados. A obtenção destes êxitos parciais dão animo ao aluno e conduzem-no até à concretização do projecto total (lei do efeito).

Em síntese: A intenção dá direcção e predisposição para a realização do projecto que através da planificação e concretização dos sucessivos passos bem sucedidos (e também

dos obstáculos que têm de ser superados), conduz ao êxito final, i.e., à concretização da ideia inicial.

O que distingue então a realização de uma mesma actividade, uma que nasce de um acto intencional e outra de um acto automático ou de uma actividade imposta coercivamente?

Os gestos e procedimentos podem até ser idênticos, o domínio das técnicas e das diferentes etapas também, mas a predisposição ou pendor que cada um gera como produto resultante da concretização são totalmente diferentes. A aprendizagem que resulta de um acto intencional é também, segundo Kilpatrick, mais duradoira do que de um acto imposto coercivamente, pois o aluno que fez a composição resultante de um acto intencional adquiriu uma "mina de ideias acessórias" durante a sua realização enquanto que "o outro tem escassez" (idem, p.20).

Como refere Kilpatrick: "Um dos rapazes vê a sua actividade escolar com alegria e confiança e planeia outros projectos, o outro considera a escola um aborrecimento e começa a procurar noutro lado a expressão aí negada. Para um o professor é um amigo e um colega, para o outro, um capataz e um inimigo. Um sente-se facilmente do lado da escola e de outras actividades sociais; o outro considera-as, todas e com a mesma facilidade, instrumentos de repressão.

Tenho consciência de que os contrastes aqui estabelecidos são extremos. A maior parte das crianças vive entre os dois (…) Quantas crianças, no final do curso, não fecham logo o livro e dizem: 'Graças a Deus, estou livre disto! Quantas pessoas não 'tiram um curso' e, mesmo assim, odeiam livros e detestam 'raciocinar'?" (idem, pp.20-21).

A actividade intencional é pois geradora de outras actividades similares, pois cria o pendor ou atitude positiva face a elas. O projecto não significa, como muitos maus interpretes da obra de Kilpatrick o fizeram supor, "uma subordinação do professor ou da escola a caprichos infantis", mas antes o ter em consideração os interesse da criança, guiando-os "para interesses e realizações maiores e exigidos pela vida social mais vasta do mundo dos mais velhos é o especial dever e a oportunidade do professor" (idem, p.21).

No final deste pequeno texto Kilpatrick vai interrogar o papel deste novo método no desenvolvimento da Moral ou do carácter moral e na geração e criação de interesses.

Deixo este aspecto para um outro texto que gostaria de partilhar com os estudantes desta disciplina e onde levantarei algumas questões e dúvidas sobre este método de ensino.

Lisboa, 8 Abril 2008

Guilhermina Miranda